

# AS PRÁTICAS DE LETRAMENTO DE UMA ESCOLA BRASILEIRA QUE DÁ CERTO

LUANA CRISTINA DE MORAES BATISTA (UNICAMP).

## Resumo

Estatísticas mostram que o desempenho das escolas brasileiras nos exames oficiais, que são desenvolvidos pelos órgãos públicos e visam à mensuração da qualidade do ensino no país, é desanimador. Nos exames da Prova Brasil de 2005, por exemplo, os alunos da 4ª série do Ensino Fundamental das 55 mil escolas públicas brasileiras alcançaram um Ideb médio de 3,8 (numa escala de 0 a 10), número muito aquém do mínimo considerado satisfatório, que é igual ou maior que 6,0. Entretanto, verifica-se que 160 escolas – apenas 0,2% – alcançaram resultados satisfatórios. Diante dessa realidade, nosso objetivo é apresentar as principais práticas de letramento desenvolvidas por uma dessas 160 escolas, demonstrando quais modelos de letramento podem ser identificados nessas práticas. Para isso, com base nos Novos Estudos do Letramento, focamos nossa pesquisa em uma escola pública municipal do interior de São Paulo que obteve Ideb de 7,3 na Prova Brasil de 2005, logrando a terceira melhor nota no ranking brasileiro e a primeira no Estado de São Paulo. Entendemos que a apresentação das práticas de letramento desenvolvidas nesta escola, além da identificação do modelo de letramento ao qual os alunos são expostos, contribui para a discussão sobre o funcionamento das práticas letradas em sala de aula, pois permite que se entenda como elas estão sendo aplicadas e, efetivamente, como conduzem a resultados positivos, o que trará contribuições teóricas que poderão refletir no processo de ensino–aprendizagem e na prática dos professores enquanto profissionais engajados na formação de cidadãos conscientes de seu papel na sociedade.

## Palavras-chave:

letramento, leitura e escrita, ensino.

## Introdução

Estatísticas oficiais nos mostram que o maior problema em relação ao desempenho em sala de aula da população em idade escolar no Brasil está relacionado à leitura. Embora haja um grande esforço por parte dos órgãos competentes para amenizar o problema, os resultados das provas oficiais continuam reafirmando os baixos índices de desenvolvimento dos alunos do Ensino Fundamental em relação à leitura, que, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa para 1º e 2º ciclos – 1ª a 4ª séries (PCNs, 1997), é o eixo principal no que se refere à discussão do fracasso escolar.

Nos exames da Prova Brasil de 2005, por exemplo, no qual participaram 55 mil escolas públicas em todo o país, os alunos da 4ª série do Ensino Fundamental alcançaram um Ideb[1] médio de 3,8 (numa escala de 0 a 10), número considerado muito aquém do mínimo considerado satisfatório, que é igual ou maior que 6,0. Porém, considerando a nota individual de cada escola, verifica-se que 160 delas – apenas 0,2% – alcançaram bons resultados no que se refere à qualidade do ensino, de acordo com a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)[2].

Diante dessa realidade, este trabalho se propõe a apresentar as principais práticas de letramento desenvolvidas por uma dessas 160 escolas, demonstrando quais modelos de letramento podem ser identificados nessas práticas. Para isso, focamos nossos estudos em uma escola pública municipal do interior do Estado de São Paulo que obteve Ideb de 7,3 na Prova Brasil de 2005, logrando a terceira melhor nota no *ranking* brasileiro e a primeira no Estado.

Tendo conhecimento de que o modelo de letramento sancionado nas escolas públicas brasileiras é, em geral, o modelo autônomo de letramento, que não visa à formação de competências e habilidades relacionadas às práticas sociais dos aprendizes (MENDONÇA e BUNZEN, 2006), entendemos que a apresentação das práticas de letramento desenvolvidas nesta escola e a identificação do modelo de letramento ao qual os alunos são expostos contribuem para a discussão sobre o funcionamento das práticas letradas em sala de aula, pois permitem que entendamos como elas estão sendo aplicadas e como conduzem a resultados positivos, o que trará contribuições que poderão refletir no processo de ensino-aprendizagem e na prática dos professores enquanto profissionais engajados na formação de cidadãos conscientes de seu papel na sociedade.

Considerando que a maioria das escolas se orienta pelo modelo autônomo de letramento para construir sua proposta pedagógica e pensando no bom resultado que a escola mencionada obteve na Prova Brasil, nossa hipótese inicial era a de que esta instituição teria como base para seu processo de ensino-aprendizagem preceitos muito próximos do que Street (1984) denominou modelo ideológico de letramento, que leva em conta, além das habilidades individuais de leitura e escrita, os aspectos sociais envolvidos nas práticas letradas dos indivíduos de determinada comunidade, como, por exemplo, as condições socioeconômicas, culturais, políticas e religiosas locais.

Dessa forma, tomamos como referencial teórico os Novos Estudos do Letramento (NEL) (Barton e Hamilton, 1998; Gee, 1996a, 1996b; Heath, 1982; Street, 1984; Terzi, 2003) – linha de pesquisa de tradição etnográfica que se contrapõe a concepções fundamentadas na aquisição de níveis e domínios individuais da escrita e defende que as práticas de letramento só fazem sentido quando estudadas a partir do contexto sociocultural ao qual elas pertencem – para apresentarmos e analisarmos algumas das principais práticas de letramento desenvolvidas pela escola estudada, apontando quais são as características dessas práticas letradas e quais os modelos de letramento que as compõem.

## **1. A escola de sucesso**

A escola pesquisada pertence a um subdistrito de uma cidade do interior do Estado de São Paulo cuja população está estimada em 75 mil habitantes. No distrito, que dista 20 quilômetros da cidade, vivem aproximadamente três mil pessoas, sendo que, destas, 800 vivem na zona rural.

Embora, não haja dados oficiais, apuramos que muitos dos pais dos alunos que estudam na escola pesquisada são analfabetos. Mesmo assim – ou até mesmo por isso –, incentivam e reconhecem a importância da educação escolar na vida das crianças e são incentivados pela escola a acompanharem os filhos nas tarefas de casa mesmo sem saberem ler ou escrever.

Uma vez que nosso interesse pela escola estudada surgiu de seu bom resultado na Prova Brasil de 2005, o cenário privilegiado em nossa pesquisa foi uma de suas classes de 4ª série, uma vez que esta série, juntamente com a 8ª, é a avaliada nesse exame oficial. Embora os alunos pesquisados não sejam mais os da classe de 2005, o conteúdo programático de 2008 é o mesmo e o método de ensino e as atividades desenvolvidas pelas professoras também são muito parecidos com os daquela época.

A sala de aula pesquisada é composta por 18 alunos. Aliás, esse foi um fator que nos chamou a atenção logo no primeiro momento, pois, ao contrário da maioria das escolas públicas brasileiras, nesta, em nenhuma das 16 salas, da 1ª à 8ª série, há mais de 20 alunos por classe. Segundo a diretora da escola, essa premissa faz parte das novas diretrizes educacionais propostas pela Secretaria da Educação da cidade em 2005, portanto, é um procedimento adotado não só por esta, mas por todas as escolas municipais daquela cidade, independentemente de seu número total de alunos. Isso equivale a dizer que, mesmo nas escolas maiores, com mais de dois mil alunos, todas as salas de aula têm menos de 20 alunos.

Para entender as práticas letradas da escola, principalmente as relacionadas à 4ª série, foram gravadas entrevistas, durante todo o ano letivo de 2008, com as principais pessoas envolvidas no desenvolvimento dessas práticas. Além disso, para entendê-las dentro do contexto em que os alunos estão inseridos e para conhecer melhor o fenômeno a ser estudado, foram gerados dados, por meio de gravações de áudio e notas de campo, dentro e fora da sala de aula, pois entendemos que aspectos extraclasse também podem ser agentes influenciadores das práticas de letramento desenvolvidas entre professor e aluno. Com isso, nosso objetivo era conhecer como se dão as práticas de letramento mais correntes e saber quais os usos e os significados que elas têm para aquela comunidade específica. Por fim, lançamos mão de parte de

documentos escritos que circulam na comunidade escolar pesquisada, como, por exemplo, seu programa pedagógico, avaliações bimestrais, material didático etc.

A partir das gravações/observações tivemos acesso às interações sociais entre professor/aluno, aluno/aluno em seu ambiente natural, o que nos proporcionou determinar algumas atitudes e, principalmente, conhecer as práticas sociais relacionadas à leitura e à escrita desenvolvidas na escola.

Em contrapartida, as entrevistas, feitas antes e depois das observações/gravações, nos forneceram as bases para a descrição e análise dos excertos observados/gravados que ocorreram neste determinado contexto e que refletem as práticas letradas desta comunidade escolar. Com a diretora, por exemplo, obtivemos informações sobre a escola como um todo, sobre seu funcionamento, sua rotina, suas práticas pedagógicas, sua relação com a Secretaria de Educação do município, seu planejamento escolar, sobre o perfil dos alunos, dos professores e da comunidade local. Já com a professora, foi possível conhecer as principais práticas de letramento desenvolvidas com os alunos no cotidiano escolar (com ênfase naquelas relacionadas ao ensino da leitura) e algumas características inerentes ao letramento da comunidade em geral, ou seja, da família dos alunos e da própria professora. Tínhamos interesse em conhecer o letramento da professora e seu ponto de vista em relação às suas próprias práticas pedagógicas, suas expectativas em relação aos alunos e aos projetos desenvolvidos pela escola, pois entendemos que as crenças e os valores do professor têm influência direta no letramento de seus alunos. Isso significa que um projeto ou determinada prática pedagógica tem suas chances de trazer resultados positivos aumentadas quando aqueles que o põem em prática acreditam nele. Dessa forma, os valores e convicções da professora também poderiam estar diretamente relacionados aos resultados obtidos em sala de aula.

Com o desenrolar do estudo, percebemos que os alunos da 4ª série daquela escola estavam envolvidos em vários projetos e práticas letradas intra e extraclasse, e que muitas delas contavam com o apoio local das autoridades governamentais, ou seja, da Secretaria de Educação do município e da subprefeitura. Por esse motivo, entrevistamos também o subprefeito do distrito, pois ele, como técnico agrônomo, era o principal responsável por um dos projetos desenvolvidos na escola, além de ser uma fonte importante para nos fornecer informações sobre o perfil social da comunidade, sobre o modo de vida local, além de dados estatísticos sobre a população rural e urbana do distrito.

## **2. As práticas de letramento desenvolvidas na escola**

Após o levantamento das várias práticas de letramento desenvolvidas pela escola com a 4ª série estudada e tendo conhecido o contexto no qual aquela comunidade estava inserida, foi possível perceber que a escola e as principais instituições sociais que compõem a comunidade formam, efetivamente, uma rede social coesa na qual todos os elementos que a constituem – a escola, os alunos, a família e os agentes públicos municipais – relacionam-se uns com os outros integralmente. Além disso, cada componente que compõe essa rede social, embora tenha seu papel bem definido dentro da comunidade, com atribuições e responsabilidades diferenciadas entre si, tem os mesmos objetivos quando o assunto é o desenvolvimento dos membros em idade escolar pertencentes ao distrito, o que, segundo Stein e Mamabolo (2005) é fundamental para que se construa uma pedagogia eficiente e relevante para as crianças. Todos os elementos dessa rede social, portanto, trabalham em prol de uma causa partilhada que visa principalmente o sucesso dos alunos – hoje, no futuro – dentro e fora da escola. Além disso, foi possível apreender que é com base nessa causa partilhada – na qual estão embutidas ideologias e crenças comuns a todos os componentes da rede – que os objetivos são traçados e as práticas de letramento da comunidade são desenvolvidas.

Essa noção de causa partilhada é possível de ser observada em várias práticas de letramento desenvolvidas na escola, entre elas o *Projeto Escola do Campo* e o *Projeto Espaço Amigo*. No primeiro, que tem como objetivo despertar nos alunos o sentimento de valorização da terra, uma vez que a maioria reside na zona rural e lida com a terra diariamente, as crianças têm aulas práticas e teóricas sobre como cultivar uma horta e o professor é o subprefeito do distrito, que é técnico em agronomia. As aulas práticas se dão nos fundos da escola, onde os alunos plantam diversas hortaliças que complementam a merenda escolar durante todo o ano. Já as aulas teóricas são desenvolvidas em sala de aula, com textos, geralmente informativos, sobre as hortaliças plantadas. Já o segundo projeto, também desenvolvido pela Prefeitura e estendido a toda a cidade, tem como objetivo oferecer a 50 crianças e adolescentes carentes ou em situação de vulnerabilidade atividades complementares ao ensino regular, oferecendo-lhes oportunidade para o seu fortalecimento familiar, pessoal e social. De segunda a sexta-feira, em horários opostos ao do

ensino regular escolar, crianças de 7 a 14 anos que não têm onde ficar no período em que não estão na escola porque seus pais trabalham, participam de aulas de orientação ministradas por professores de Educação Artística e Educação Física. Além disso, oferece-se, quando necessário, acompanhamento psicológico tanto à criança quanto a seus familiares.

Outro aspecto notável referente às práticas de letramento da comunidade estudada é o fato de que a maioria delas é contextualizada. Isso significa que professores, diretores e órgãos governamentais, ao desenvolvê-las, levam em conta a vida do aluno fora da escola.

Essa característica é identificada em práticas letradas como, por exemplo, a reunião de pais e mestres, que foi reestruturada de acordo com os interesses dos pais dos alunos e não os da escola. Com isso, diferentemente do que geralmente ocorre em outras instituições, onde o horário das reuniões é previamente determinado e imposto aos pais, na escola de sucesso as reuniões são realizadas sempre no final da tarde, depois do expediente dos pais, medida que fez com que 90% deles pudessem comparecer às reuniões e ter maior contato com a escola, o que segundo Stein e Mamabolo (*op. cit*) contribui positivamente para o desenvolvimento dos alunos.

Durante o período de pesquisa foi possível perceber também que a escola proporciona às crianças diversos passeios durante o ano, desde museus e teatros na capital do Estado até sítios da região e Assentamentos Sem Terra localizados no interior. Com isso, a escola dá ao aluno a oportunidade de conhecer e valorizar não só realidades que estão próximas das práticas de sua comunidade – como as visitas às propriedades rurais ou aos assentamentos –, mas também amplia o universo das crianças, dando a elas a oportunidade de conhecerem meios sociais que não estão relacionadas à cultura e aos costumes locais, mas que também são importantes para seu desenvolvimento, como museus e teatros.

No que diz respeito ao ensino da leitura, é possível destacar vários aspectos relacionados à abordagem ideológica do letramento, como é o caso do *Projeto Centopéia*, por exemplo. Essa atividade, que teve início após os professores perceberem que os alunos não gostavam de ler, teve como objetivo despertar o prazer pela leitura, e os alunos foram estimulados a ler, uma vez por semana, o livro que quisessem, com a certeza de que não seriam cobrados posteriormente com nenhuma atividade relacionada ao conteúdo lido. O único momento em que o livro lido era discutido era na chamada *Roda da Conversa*, na qual alguns alunos teciam comentários sobre os livros que haviam gostado ou não gostado e recontavam a história para que os outros colegas a conhecessem.

Uma terceira prática de letramento que faz parte da rotina dos alunos de 4ª série da escola pesquisada é a leitura em voz alta. Todos os dias, um aluno leva para casa um conto ou uma crônica. Depois de ter lido o texto em casa, ele o lê para seus colegas de classe. Segundo a diretora, essa atividade tem vários propósitos, entre eles, (i) fazer com que o aluno se concentre mais na leitura; (ii) despertar nos alunos que ouvem o respeito pelo aluno que lê, ou seja, inculcar nas crianças a importância do respeito ao próximo; (iii) detectar possíveis problemas fonoaudiológicos nas crianças e, ao detectá-los, encaminhá-las para tratamento; (iv) despertar o prazer da leitura; (v) fazer com que as crianças conheçam vários gêneros textuais e diversos autores.

### **3. Os modelos de letramento encontrados**

Ao analisar detalhadamente algumas práticas de letramento desenvolvidas na escola estudada, foi possível identificar práticas tradicionais que são, comumente, também aplicadas em qualquer escola pública brasileira, nas quais a alfabetização e o ensino de regras gramaticais são o objetivo principal e o contexto extraescolar, ou seja, as habilidades relacionadas às práticas sociais dos aprendizes, não são prioridade. Entretanto, o que nos chamou a atenção, ao iniciarmos a pesquisa, foi a grande quantidade de práticas de letramento que envolvem não só a o ensino da leitura e da escrita do ponto de vista autônomo, ou seja, levando em conta apenas os aspectos individuais desse processo, mas também os elementos relacionados aos aspectos sociais, econômicos, culturais e ideológicos da comunidade na qual a escola está inserida.

Além disso, foi possível identificar que a relação entre comunidade, escola e órgãos públicos é muito estreita e seus valores e ideologias sobre as práticas de letramento desenvolvidas na escola e na sociedade como um todo são totalmente convergentes e coesas, ou seja, a valorização da educação é uma causa compartilhada por todos os envolvidos nas práticas pedagógicas do município. Essa característica fica evidente, por exemplo, com o fato de a Secretaria da Educação não permitir mais de 20 alunos por classe

e oferecer todo o respaldo necessário às escolas para que essa medida seja posta em prática, seja para a construção de mais salas de aulas ou para a contratação de professores.

Essa sinergia pode ser verificada também no Projeto Escola do Campo, no Projeto Espaço Amigo e no transporte escolar gratuito e demonstra que os órgãos públicos – Prefeitura, Subprefeitura e Secretaria da Educação – estão diretamente envolvidos na vida dos adultos e das crianças do município, não só no que diz respeito ao âmbito escolar, mas também ao familiar, cultural e social. Esse tipo de comportamento, portanto, vai ao encontro do que defende Street (1984) ao afirmar que as práticas de letramento baseadas no letramento ideológico são dependentes do contexto e determinadas pelas relações de poder de determinada sociedade.

Dessa forma, fica muito claro que os valores defendidos pelos detentores do poder têm grande influência nas práticas letradas dos indivíduos que compõem a comunidade pesquisada. Secretário de Educação, subprefeito, diretores e professores, ao valorizarem a terra (por viverem numa comunidade essencialmente rural) e a escrita (por considerá-la elemento de transformação da realidade), transmitem esses valores para os alunos e para a comunidade como um todo, influenciando suas práticas de letramento.

Foi possível identificar aspectos do letramento ideológico também nas práticas de letramento desenvolvidas em sala de aula. Quando a professora, no *Projeto Centopéia*, por exemplo, não exigia que os alunos fizessem qualquer tipo de tarefa relacionada ao que liam, percebe-se que o interesse principal da escola é formar cidadãos leitores, o que vai além de fazer com que os alunos simplesmente respondam questões pré-elaboradas de interpretação de texto ou preenchimento de lacunas. Torna-se evidente que o objetivo, ao desenvolver práticas de letramento dessa forma, está em focar a função social da escrita, ou seja, ao pedir simplesmente – sem exigir – que os alunos discutam entre si sobre o que leem, a escola espera formar cidadãos que sintam prazer em ler e que sejam capazes de desenvolver seu senso crítico e entender a realidade e o mundo ao qual pertencem, utilizando seus conhecimentos não só na escola, mas também em outros contextos sociais.

### **3. Considerações finais**

A partir das pesquisas e análise feitas, é possível dizer que, da mesma forma que as práticas de letramento influenciam o contexto daquela comunidade, este influencia as práticas de letramento da escola, o que vai de encontro com o que defende Besnier (1995) quando afirma que é impossível desmembrar o letramento dos aspectos históricos, sociais, econômicos e ideológicos existentes em determinada comunidade, pois eles influenciam diretamente as práticas letradas dos indivíduos que a compõem, modificando-as e sendo modificados por elas. É notório que as relações de poder da comunidade estudada influenciam as práticas de letramento dos indivíduos que a compõem, porém, na escola pesquisada, essa intervenção é feita sem deixar de considerar o letramento prévio dos alunos, o que reflete os preceitos defendidos pelo modelo autônomo de letramento.

Assim, a partir da geração e análise dos dados, foi possível verificar que nossa hipótese inicial – a de que o sucesso da escola se dá pelo fato de esta desenvolver um modelo de letramento diferente do modelo tradicional desenvolvido na maioria das escolas brasileiras – se confirma, pois, embora a escola estudada desenvolva algumas práticas letradas baseadas no modelo autônomo de letramento, há a predominância de características inerentes ao modelo ideológico na maioria delas.

Além disso, embora para a maioria dos professores a visão de ensino a partir do modelo autônomo de letramento tenda a parecer a única possível (PCNs, *op.cit*), na escola estudada isso não ocorre, pois a maioria das atividades escolares levam em conta os aspectos extraescolares, ou seja, os valores e a cultura da comunidade local e, a partir deles, expandem o universo dos alunos. Dessa forma, a escola parte de práticas que são familiares às crianças – como a lida com a terra, por exemplo – e, a partir delas, desenvolvem outras, dando aos alunos a oportunidade de transformar a realidade na qual estão inseridos.

Sendo assim, é possível afirmar que os bons resultados obtidos na Prova Brasil em 2005 pela turma da 4ª série da escola analisada neste trabalho sejam resultados desse tipo de abordagem, que privilegia o modelo ideológico de letramento, mas que não descarta o modelo autônomo, pois considera o processo técnico de alfabetização e olha atentamente, também, para os fatores culturais, sociais, econômicos,

políticos, religiosos e de poder embutidos nas práticas de letramento dos alunos e da comunidade na qual estão inseridos.

Ao basear suas práticas de letramento no modelo ideológico e considerar os aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais para desenvolver sua metodologia de ensino, a escola desenvolve atividades que são efetivamente relevantes para as crianças daquela comunidade. Isso faz com que elas entendam o sentido da escola e a valorizem, o que não poderia ter outro resultado senão um Ideb considerado excelente na Prova Brasil.

Embora a escola estudada seja relativamente pequena – apenas 300 alunos – quando comparada a outras escolas municipais do país, é possível perceber que as práticas de letramento desenvolvidas com seus alunos não são exclusivas desta escola, uma vez que a prefeitura do município estende algumas de suas atividades para todo o município – por exemplo, o número reduzido de alunos por sala e o Projeto Espaço Amigo. Isso significa que essas práticas de letramento podem ser desenvolvidas e adaptadas também em escolas de outras cidades, sempre levando em conta o contexto em que elas estão inseridas, o que abrangem os aspectos sociais, econômicos, culturais, políticos e ideológicos de cada comunidade.

Com tudo isso, acreditamos que os resultados encontrados a partir dessa pesquisa podem ser relevantes para a evolução das práticas pedagógicas atuais desenvolvidas nas escolas brasileiras, além de poderem auxiliar para maximizar a assertividade das tentativas contínuas, por parte de professores e órgãos públicos, de implantar novas propostas didáticas e de novas metodologias de ensino, todas com o intuito de preparar melhor o aluno e aumentar suas chances de sucesso dentro e, principalmente, fora da escola.

#### **Referências bibliográficas**

- BARTON, D.; HAMILTON, M. *Local literacies: reading and writing in one community*. Londres: Routledge, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa: ensino de 1ª à 4ª série*. Brasília: MEC, 1997.
- BESNIER, N. *Literacy, emotion, and authority: reading and writing on a Polynesian atoll*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- GEE, J. P. *Social linguistics and literacies: ideology in Discourses*. Londres: Routledge Falmer, 2ª ed., 1996a.
- \_\_\_\_\_. Literacy and social minds. In: BULL, G. e ANSTEY, M. *The literacy lexicon*. Sydney: Prentice-Hall, p. 5-14, 1996b.
- HEATH, S. B. What no bedtime stories means: narrative skills at home and at school. In: *Language in society*, vol. 11, n. 1, p. 49-76, 1982.
- KLEIMAN, A. B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. B. (Org.). *Os significados do letramento: uma perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, cap. 1, p. 15-61, 1995.
- MENDONÇA, M.; BUNZEN, C. (Org.). *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola, 2006.
- STEIN, P.; MAMABOLO, T. “Pedagogy is not enough”: early literacy practices in a South African school. In: STREET, B. *Literacies across educational contexts: mediating learning and teaching*. Philadelphia: Caslon Publishing, 2005.
- STREET, B. V. *Literacy in theory and practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- TERZI, S. B. Afinal, para quê ensinar a língua escrita? – A formação do cidadão letrado. In: *Revista da FACED*. Universidade Federal da Bahia. Salvador, n. 7, p. 227-241, 2003.

---

[1] Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.

[2] Órgão responsável pela organização do PISA.